

TEORIA DO CONTO BREVE

Abílio Pacheco

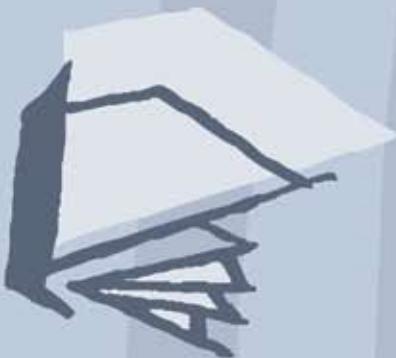
A Lygia e Cortázar

I

Sentou-se à mesa, sabia: não há que se respirar fundo, basta somente um sopro. Preparou o pito (água e sabão), cochichou bem de leve como se contasse segredo ou soprasse vela sem querer apagá-la. Apurou os olhos no côncavo da borbulha.

II

Súbito, preciso, soltou-se o globo no ar. E explodiu.



SONAMBOLIBRO

Toda madrugada, o vizinho chegava do trabalho com o som do carro ligado em volume muito alto. Perturbava a todos, acordava a vizinhança, às vezes queixavam-se ao síndico. De nada adiantava. Chamado à atenção, deixava o som do carro ligado até as três, as quatro, as cinco... Há mais de dois anos, ninguém reclamava mais.

A música sempre assustava o rapaz, que levantava da cama, caminhava pela casa, ia para o cômodo onde ficavam os livros e, de luz acesa, percorria os dedos pelas prateleiras, nos cortes superiores dos livros, em busca daquele que havia deixado com o marca-página na noite anterior. Depois, continuava a narrativa interrompida, quase até a hora d'alva, quando algo (alarmes de relógio, buzinas de carro, cantos de galo) cortava-lhe o fio da história e ele voltava ao quarto, deitava-se para em seguida despertar para um dia sem letras e livros.

Durante madrugadas assim, entraram em sua convivência Quixote, Ulisses, Gregor Samsa, Hamlet, Santiago, Lucíola, Bovary... Quem quer que o visse entre livros, sabia que dali não poderia extraí-lo. No início, todos da casa cuidavam para que nada lhe despertasse da leitura, depois relaxaram. Nas noites em que o vizinho barulhento tornava a madrugada altissonante e a leitura inviável ou quando alguém inadvertidamente retirava o marca-página da leitura de então, o rapaz amanhecia com melancólico transtorno ontológico, um efeito colateral.

Um dia, entretanto, o quarto amanheceu vazio. A cama desalinhada confirmava que dormira as primeiras horas normalmente e depois levantara. A irmã afirmou não encontrá-lo em cômodo algum da casa, nem na biblioteca. A mãe, tranquila, passava café: Deve estar entre os livros. E estava. Havia virado personagem de Borges ou Cortázar.

ESPÓLIO

Vivia numa alegria enorme, cabendo mal em si. Havia nascido grande, perto de adulto. Seu pai-demiурgo o havia feito assim. Completo; à base de tinta em face lisa, alva e chã. Tinha amigos, nome e cor de olhos. Mais que isso, cosido e recosido, desfiado e retecido, tinha já história: plena, embora de curto enredo, intriga simples, desfecho claro. Sentia-se brioso.

E mais ainda, ao ter por certo, quando posto num cubículo escuro junto a outros parelhos seus, que dali sem tardança partiria rumo ao prelo. Ansioso sempre, de mais a mais, notava um fio de sol e a luz cegante, sentia ímpeto de... Antes, contudo, aumentado o aperto, o espaço de novo escurecia.

Às vezes, de surpresa, eram recolhidos e postos à mesa; ele ficava convicto da viagem à prensa. Eram remexidos, embaralhados, uns apartados, outros riscados, uns amassados, outros dobrados... mas ele sempre voltava à gaveta fria e bafia. Com o tempo se foi recolhendo, perdendo todo o gáudio. E mesmo quando sentiu bruscos vacilos no móvel, fado algum lhe apontou a mais remota edição.

Da escrivaninha ouvia vozes raras, portas rangentes, mastigados silêncios. Sentia-se estático e inconcluso, década a fio em meio trevoso. A face desalvecia. Seus parelhos encarunchavam, bafavam mais. Até que, às vozes próximas, ouviu: "escritor", "morreu". Súbito, a luz! E de novo trevas. Desentendeuse. Solavancaram seu casulo e saculejaram por via custosa a termo baldio. A convicção precária voltava de lenta e – sendo desfolhado de todos – sentia que, enfim, vinha a lume.



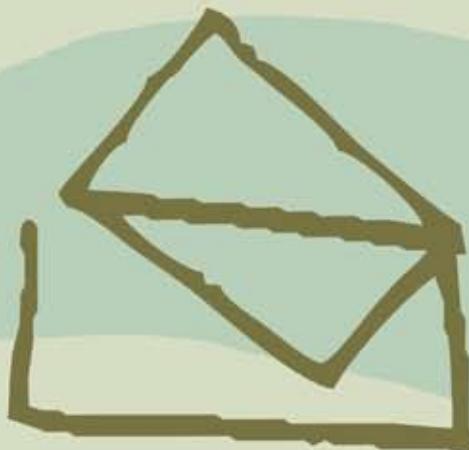
A CARTA

Havia muito que evitava, mas tivera que abrir o envelope, sacar conteúdo, desdobrar folha e passar olhos pela caligrafia caprichada, mesmo portando tão grave desagrado. A vista, logo baça, ganhou mãos enconcheadas com água, e depois enxugar de rosto em pano gasto.

De si, continha-se a custo. Como se, após longa bebedeira, desejasse e precisasse, mas resistisse vômito que sairia sem rédeas. Como se passada noite em claro, olhos se fechassem por conta. Como se prendesse respiração sob água e instinto (mais que necessidade) a fizesse emergir.

Sentou-se novamente à carta, tentando segurar emoção e choro, como se pudesse evitar a quebra de ovos ao confronto do solo. Ela mais adivinhou que leu. Antes do fecho, parou o olhar das linhas e pairou na lembrança. Já havia empapado o primeiro pano e encharcado uma toalha de banho. Zumbinizada, mais que chorava, chafarizava; sentia suar axilas, curvas dos braços e atrás dos joelhos; pranteava por vários poros. Pingos escorriam pelo rosto, costa, tórax e panturrilhas. As mãos gotejavam, os pés diluíam-se. Saíra de si; havia chorado todas as lágrimas.

Quando os demais chegaram à casa, deram apenas por – além de roupas, cabelos e unhas – envelope e carta em poça espalhada sob cadeira e mesa.



PELO RALO

Havia tomado todas. Sempre ouvira lhe dizerem que um dia se urinaria todo. Mas nem por isso evitava beber ou ir ao banheiro. Às vezes segurava a vontade porque sabia que depois que se vai urinar a primeira vez, tem-se vontade de ir a todo instante.

Estava quase batendo seu record pessoal de evitar o vaso. De evitar mas tomando todas. Até que não resistiu, tropeçou até o banheiro, sobrou pés em cadeiras e cintura em quinas de mesa, anestesiado. Ainda acertou o portal vaso com ombro e resvalou canela no antes de decidir-se pelo ralo.

Aliviou-se por inteiro e por completo.

É certo que sentiriam sua falta, mas de imediato a mesma necessidade fisiológica conduziu trás si um colega de mesa, que notando sua demora, resolveu entrar. Este deu-se apenas com a camisa amarela, o short bege, a sandália de dedo e um monte de cabelo, tudo amontoado no ralo e ensopado de urina.

Enfim, urinara-se todo.

SINFONIA

Por conta de crescente aperto nas finanças, pouco a pouco tiveram que se desfazer dos móveis e utensílios, a começar pelos menos essenciais. Até que venderam o piano de gabinete, que ocupava espaço, mas preenchia o tempo vazio com ledos solfejos e suaves sustidos.

No lugar, puseram uma mesa sem graça de madeirite a esgarçar-se. Nela, a pianista se punha como antes. Nos mesmos horários, deslizava os dedos – com a costumaz habilidade – pela superfície de teclas imaginárias. Inclinava a cabeça, fechava os olhos, balançava o corpo, às vezes cantarolava, mas na mesa não resvalava, tocava ou triscava.

Os demais da casa mantinham a mesma rotina. Punham-se calados ao chá ou café, ao tricô ou crochê, ou apenas folgavam deveras ao som do instrumento ausente.

Não custa que logo, logo, empolgada e distraída, a moça tocou mais forte o teclado. A melodia inebriou mais ainda os presentes. As notas trouxeram não sei que contentamento. Preencheu espaços da casa e transbordou pela confusa e incrédula vizinhança.

A HORA DA ESTRELA

A alma era de atriz. O gesto também. E a imposição da voz!...
Qualquer dia teria sua chance. Recebeu com naturalidade o convite para um musical.
Conhecia bem seu papel e agiria com desenvoltura.
No instante exato, atirou-se da frisa.